

5. Afeminação e afeminofobia

A INFÂNCIA DO MENINO AFEMINADO

Eu havia dito, no início das discussões sobre futebol, que eu não sabia nada sobre esse tema quando comecei a desenvolver este livro e, por isso, havia feito uma pesquisa para entender os fundamentos dessa temática, que eu iria apresentar nos primeiros capítulos. Se eu tinha esse perfil em relação às discussões sobre futebol, por outro lado, quando comecei a desenvolver este trabalho, eu já tinha muita familiaridade com as discussões sobre diversidade sexual e de gênero. Por isso, ao invés de discutir cada fundamento desse tema, eu desenvolvi um pequeno glossário (ver Apêndice B), que traz uma explicação básica sobre o assunto a partir da definição dos principais termos usados para realizar as discussões sobre essa temática.

Para além dos termos que você irá encontrar no glossário, irei propor, nas discussões seguintes, alguns conceitos e neologismos. Entre eles, utilizarei o termo “amasculado” ao invés de “ másculo”. O intuito é estabelecer uma simetria entre as palavras “amasculado” e “afeminado”. O termo “afeminado” costuma se opor a “ másculo”. No entanto, “afeminado” traz a ideia de um processo, o de tornar-se feminino, de afeminar-se. “M másculo”, por outro lado, remete a uma qualidade fixa. Além disso, a “afeminação” é a manifestação de gênero demarcada, enquanto a “máscula” permanece como normal,

ideal e, por isso, sem necessidade de marcação. A ideia que busco defender usando a palavra “amasculado” é que se tornar masculino também é um processo. Esse termo desnaturaliza a masculinidade e indica que ela é uma formação. É preciso, no entanto, não confundir o termo “amasculado” com a palavra “emasculado”. Esta última significa castrado ou, de forma contrária ao neologismo, desvirilizado. É importante fazer essa distinção porque “afeminado” e “efeminado” são usados como sinônimos. A seguir, vamos começar a discutir a afeminação, para, mais tarde, abordarmos a amasculação. Mas ambas as discussões começam no período em que os homens ainda são apenas meninos.

De fato, a infância é o período em que os meninos são treinados para se transformarem em homens, afastando de si todos os indícios de feminilidade. Os que falham nesse objetivo tornam-se “viadinhos”, de forma que o viado é o não homem. Os meninos amasculados são considerados a priori como heterossexuais. Mas, no caso dos meninos afeminados, é feita uma correlação direta com a homossexualidade, de forma que eles são tidos como “protogays”. No entanto, apesar de a afeminação ser vista como o principal marcador da homossexualidade masculina, não há nenhuma relação necessária entre afeminação e homossexualidade. Meninos considerados afeminados não necessariamente se tornarão adultos gays. Porém, essa crença faz com que a caça aos afeminados seja quase uma obsessão na nossa cultura no que diz respeito à infância. Tanto na família quanto na escola, os gestos, a voz, a forma de andar, as formas de expressar sentimentos, os gostos, tudo é vigiado de perto. Os meni-

nos que fogem do modelo esperado são frequentemente repreendidos e humilhados tanto no ambiente doméstico quanto no escolar.

O menino afeminado é visto como um erro, um fracasso em relação a um projeto futuro, que é o de construção de um homem. A afeminação se marca nos meninos, principalmente, por uma manifestação corporal ligada ao feminino, destoando da masculinidade padrão. Mas ela também está associada à presença de características tidas como femininas, como gentileza e delicadeza, bem como à ausência de predicados necessários à masculinidade, como coragem, virilidade, força e capacidade atlética. Também os que se interessam por passatempos e profissões consideradas femininas são assim enquadrados. Roberto (Bharbixas, 2018) me falou sobre a necessidade de se adequar aos padrões na infância, inclusive o futebol: “meu irmão sempre jogou muito futebol, mas eu não jogava com ele quando eu era criança, porque eu não gostava. Eu preferia brincar com as bonecas da minha irmã. Escondido, claro. Mas aos nove anos, eu fui obrigado pela professora a jogar futebol”.

O desconforto que um menino afeminado gera está ligado à nossa necessidade de ter segurança em relação aos padrões a partir dos quais lemos o mundo. Um corpo identificado como masculino que se comporta de forma considerada feminina coloca em risco o sistema binário de identidades que gera uma ilusão de segurança para os sujeitos que conseguem se ajustar a ele. Não conseguir definir as identidades de forma inequívoca gera medo de não saber mais quem ocupa cada lugar no mundo. O olhar para o gênero e a sexualidade de crianças e adultos é intensivo e minucioso porque essas são ques-

tões primeiras lançadas sobre os indivíduos. Elas definem de forma central quem os sujeitos são. Afinal, qual característica vem antes desta para descrever uma criança: é um menino ou uma menina? As filas das escolas são divididas dessa forma, as aulas de Educação Física, as apresentações artísticas, os trabalhos em grupo, os uniformes, os brinquedos, as temáticas pedagógicas. Se alguém não cabe nessa dicotomia, fica sem lugar nessa sociedade “em miniatura” na qual as crianças estão inseridas.

Nesse contexto, as crianças não são autorizadas a governar o seu próprio corpo, mas são ensinadas a governar o corpo dos colegas “bichinhas”. Menines e meninos afeminados são frequentemente “sentenciados” como bichas antes mesmo de saberem o que isso significa ou até mesmo de terem sentido qualquer atração sexual ou romântica por outros meninos pela primeira vez. Eu, por exemplo, enquanto menino afeminado, cresci sendo chamado de “bichinha” pelos colegas sem sequer ter noção do que isso significava em termos de sexualidade. É provável que muitas crianças “agressoras” também não entendam o significado por trás dessa “sentença” que estão dando. Talvez ela se baseie apenas na reprodução de falas de adultos ou de crianças mais velhas. Mesmo que elas saibam que esse termo está relacionado à ideia de um menino que “age como uma menina”, elas podem ainda não saber o que ele significa em termos de homo-orientação. Assim, a afeminofobia se apresenta como estrutural e não como julgamentos individuais, preexistindo à consciência das pessoas. Além dos insultos, os corpos de menines e meninos afeminados são vistos como passíveis de disciplinarização física, até

mesmo por outras crianças. Assim, a cisheteronorma utiliza os corpos de umas crianças para punir outras.

O menino afeminado é frequentemente visto como o culpado das próprias agressões que sofre. Os outros estão certos em agredir, às vezes até mesmo para a família do agredido. Por isso, a infância do menino afeminado é marcada pela culpa e pela vergonha. Giancarlo Cornejo (2011) conta como chorava angustiado antes de dormir por ter esse “problema”.

A vergonha é um sentimento importante na minha vida, e assim tem sido por muito tempo. Sinto vergonha de não ser heterossexual, de não ser o filho que meu pai havia querido, da minha feiura, de não ter aquilo grande, de não ser um bom amante, da minha feminilidade, da minha indignidade. Na verdade, do que sinto mais vergonha é de sentir tanta vergonha. (*ibidem*, p. 90, tradução minha)

Para o menino afeminado, amascular-se é exterminar-se enquanto sujeito. É abandonar o seu próprio eu e a sua própria identidade. Por outro lado, se o menino afeminado se descobre atraído por outros meninos, então o sentimento é de que nunca vai ser correspondido, que esse amor nunca vai ser possível. Assim, o menino gay afeminado está em constante temor e fragilidade psicológica.

SEXUALIDADE E AFETOS

Sites e aplicativos de relacionamento são um importante meio de sociabilidade entre homens gays, dada a invisibilidade e a insegura-

rança para a manifestação de afetos por esses sujeitos em espaços cotidianos. Daniel Almeida (2011) faz uma análise de perfis de belo-horizontinos cadastrados no site de relacionamentos masculino *ManHunt.net*. As pessoas cujos perfis foram analisados buscavam afastar de si o estereótipo de afeminado, usando palavras e expressões para se descreverem como “nada afeminado”, “totalmente discreto” e “cara e jeito de macho”. Elas também faziam o mesmo movimento para caracterizar as pessoas que desejavam: “não curto pessoas afeminadas”, “busco macho” e “mandem mensagem os discretos, que tenham jeito e voz de homem”. Nesse contexto, a palavra “discreto” aparece como alguém que não expõe sua sexualidade publicamente, mas é usada, principalmente, como antônimo de afeminado. A expressão “não sou/não curto afeminados” é frequente nesses espaços, sendo atribuída a um “gosto pessoal”, mas indicando um alto nível de antiafeminação. Tudo isso demonstra que os preconceitos de gênero existentes na sociedade de forma mais ampla também são reproduzidos entre os próprios gays. Nesses perfis, isso se dá através de uma dinâmica em que inferiorizar o outro garante a sua superioridade.

Outra forma de os sujeitos afastarem de si a ideia de afeminação é dizendo ser “fora do meio”. O discurso de não frequentar o “meio gay” caracteriza esse “ambiente” de forma negativa, pois o relaciona com a afeminação e o distancia da figura valorizada do discreto. Não fica muito evidente o que o “meio gay” seria, sugerindo que se trata mais de um imaginário do que, de fato, um conjunto de lugares ou eventos específicos. Assim, o gay “fora do meio” se mostra superior

aos que frequentam os supostos espaços LGBTQIAPN+. Durante o jogo comemorativo do aniversário de um ano do BhARBixas no Mineirão, um membro do ManoTauros me contou que era do BhARBixas, mas saiu do time porque não é de dar *close*¹⁵. Então, ele brincou que os membros do ManoTauros são discretos e fora do meio.

Junto com o “fora do meio” costuma vir o “não assumido”, porque estar no meio implica na publicização da sexualidade. Por isso, as descrições de si e dos potenciais parceiros como “*brother*”, “discreto” e “fora do meio” estão relacionadas com a vivência do armário. Viver publicamente como hétero garante o reconhecimento social como homem, mesmo que em segredo se relacione sexualmente com outros homens. Almeida também mostra que alguns perfis por ele analisados buscavam afastar de si a imagem de uma pessoa muito afetiva (ou afetuosa), ou seja: carinhosa, meiga, sensível etc. Essas características também estariam ligadas à afeminação. A palavra “afetado”, sinônimo de “afeminado”, está relacionada a “afeto”.

Existe, portanto, uma correlação entre diferentes características na hora de pressupor que alguém seria afeminado. Se a pessoa é afetuosa, “frequentadora do meio”, assumida, militante ou “lacradora”¹⁶, é esperado que ela seja afeminada. Da mesma maneira, tam-

15 “Dar *close*” é uma gíria que significa fazer algo que chame a atenção das outras pessoas para si.

16 A gíria “lacrar”, no meio LGBTQIAPN+, originalmente, significa fazer algo muito bem, no mesmo sentido que “arrasar”. Mas, pejorativamente, ela também quer dizer fazer uma “cena”, um “espetáculo” por causa de uma questão social, de forma exagerada ou equivocada.

bém pesa sobre os passivos¹⁷ a pressuposição da afeminação, de forma que eles precisam se declarar e se provar amasculados para serem dignos do interesse de alguns ativos. Inclusive, a ideia de um afeminado que goste de ser ou que queira ser ativo também costuma gerar estranhamento. Um membro do Alcateia (Manhuaçu/MG) entrevistado durante a 5ª edição do Champions LiGay (2019) relacionou o futebol com o papel sexual ativo, mas desconstruindo essa ideia: “inclusive, eu conheço mais jogadores, não sei se afeminados, mas assim... passivos... Pior, aí o povo já pensa: ‘jogar futebol já é ativo’. Então, assim, eu conheço muito mais...” O Quadro 5 traz uma síntese das diferentes características que são atribuídas a gays afeminados e amasculados. É preciso lembrar que elas não refletem correlações que necessariamente existem de fato, mas apenas as que são representadas discursivamente.

Quadro 5 – Características atribuídas a gays afeminados e amasculados

Manifestação de gênero	Afeminado	Amasculado
Categorização	Bicha Viado	Macho Homem
Publicização	Assumido Militante Lacrador Afetado	Fora do meio Discreto
Penetração	Passivo	Ativo

Fonte: elaborado pelo autore

17 São chamados de “passivos” os sujeitos que gostam apenas de serem penetrados durante o ato sexual. Os que gostam apenas de penetrar são chamados de “ativos”. Há uma terceira possibilidade, menos binária, que é a do “versátil”: aquele que gosta tanto de penetrar quanto de ser penetrado.

O *Grindr* é um dos aplicativos de encontros masculino mais utilizados e utiliza geolocalização para mostrar os demais perfis mais próximos do usuário. Renata Rezende e Diego Cotta (2015), analisando essa plataforma, caracterizam as descrições dos perfis como homofóbicas e misóginas, podendo ser entendidas inclusive como um discurso de ódio contra afeminados. Plataformas como o *Grindr* funcionam como vitrines em que cada um vende a sua própria imagem para outros sujeitos que passeiam pelos perfis como se o aplicativo fosse uma página de classificados. Nessa dinâmica, as fotos são a principal forma de atrair os pretendentes e mostrar-se um bom candidato. Num contexto de hipermasculinização, sobressaem-se os perfis com fotos que exibem corpos másculos, sarados, jovens, com pouca ou nenhuma roupa e ressaltando o volume na parte da frente ou de trás da cueca. Obviamente, os outros eixos de discriminação social também se fazem presentes, de forma que pessoas brancas se adéquem mais facilmente a esse modelo.

Oscar Lopes (2017), analisando perfis do site *Disponivel.com*, discute como esse padrão se apresenta nessa plataforma. O autor destaca que existe uma necessidade de se isentar da afeminofobia logo depois de apresentá-la, citando um trecho da descrição de um dos perfis analisados: “‘não curto afeminados nem bichinhas, nada contra, cada um na sua’” (*ibidem*, p. 409, grifo meu). Por outro lado, o estudo relata a existência de perfis de afeminados que apresentam uma resistência ao padrão encontrado nesse tipo de rede, o que pode ser visto na descrição deste usuário: “‘não sou discreto, porque pra mim discreto é o viadinho que tenta ser macho (quero ser feliz, é o

que importa). Eu não sou o melhor cara do mundo, mas também não finjo ser o que não sou!’” (*ibidem*, p. 420).

O “mercado amoroso/erótico gay” (Rafael Fernandes, 2013) demarca todos os processos que definem o que é um corpo masculino atraente para homens não heterossexuais. O papel das representações sociais e do capitalismo, com o oferecimento de produtos e serviços, é importante nesse cenário. É interessante observar que o modelo de homens não heterossexuais amasculados presente no *Grindr* também é performado por atores pornô, celebridades midiáticas e até figuras políticas declaradamente *gays* ou bissexuais. Demonstrando o peso desse imaginário, Aparecido Reis, Angelo Ferro e Felipe Rodrigues (2022) entrevistaram nove homens *gays* para discutir as preferências sexuais e afetivas deles em relação à amasculação e à afeminação. Segundo os autores, todos os entrevistados diziam se sentir atraídos por homens amasculados e apresentavam rejeição a homens afeminados. Incluindo os que apresentavam manifestações de gênero relacionadas ao feminino, como uso de maquiagem e de roupas consideradas femininas.

Corpos afeminados são vistos como abjetos. Afastar-se deles é afastar-se do estigma que recai sobre os homens não heterossexuais, sendo os afeminados o expurgo desse grupo, absorvendo para si a condenação. Isso é o que gera nojo e repulsa e não apenas falta de desejo. A dinâmica da atração sexual não é só de valorização da masculinidade, mas também de misoginia. Afinal, a afeminofobia também é uma forma de ódio contra o feminino, compartilhando origens com a inferiorização atribuída às mulheres. A antiafeminação presente em espaços de sociabilidade gay é uma

forma de os gays amasculados afastarem-se do feminino, provando-se “homens de verdade”. O gay afeminado é extensivamente representado na mídia como o palhaço, o “bobo da corte”, sendo, por isso, “ridículo”, em todos os sentidos da palavra. O menino afeminado não só aguenta os insultos e a violência física. Ele também tem que aguentar o riso, a ridicularização.

Por serem escandalosas e não se darem ao respeito, as bichas afeminadas prejudicariam a imagem de toda a comunidade. Assim, mais uma vez, como na violência sofrida na infância, a culpa é dos afeminados, não da antiafeminação. A antiafeminação que caracteriza a sociabilidade de homens não heterossexuais é uma tentativa de higienização dessa comunidade, tornando-a mais aceitável e próxima da norma. As bichas afeminadas seriam as responsáveis pelo preconceito que existe contra os gays em geral. O gay afeminado é reduzido a um estereótipo e encarado como o maior fracasso da virilidade.

Em alguns momentos, o gay amasculado goza de uma aceitação muito maior do que a dos gays afeminados nos mesmos ambientes heteronormativos. Ângelo (ManoTauros, 2018), por exemplo, indicou-me que a experiência do gay amasculado no futebol não é necessariamente traumática. Muito pelo contrário. Segundo o relato dele, os membros do ManoTauros jogavam em “times hétero” e não sofriam nenhum tipo de preconceito. Isso sugere que a exclusão do futebol se dá muito mais pela manifestação de gênero afeminada do que pela orientação sexual gay.

Nunca sofri nenhum preconceito em nenhum time hétero.

E eu pergunto pros outros meninos: “alguém já sofreu pre-

conceito em algum time hétero, que é esse preconceito que o povo tá falando?” “Não.” “Não.” [...] E nem os meninos, pelo que eu conversei com eles. Os meninos [dos “times hétero”] trocam de roupa na minha frente, zoam, brincam. Todos sabem que eu sou gay. Todos conhecem meu namorado. Aliás, meu namorado também joga lá. Nunca tive nenhum problema em time hétero em relação a eu ser gay. Absolutamente não. Nunca, nunca, nunca. Não. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Ele comentou isso com muita ênfase, como quem não entende porque outros gays sofrem preconceito nesse ambiente. Falou, portanto, de um lugar de privilégio. Entretanto, mesmo assim, ele concordou que os gays afeminados sofrem mais preconceito: “o foco dos Bhabixas é que eles acham que... acham não, eles têm certeza nisso... que o preconceito contra gay afeminado é bem maior. E inclusive dentro do meio GLS¹⁸. E é a pura verdade”.

AFEMINOFOBIA INTERNALIZADA

Como vimos anteriormente, a comunidade de homens não heterossexuais têm desenvolvido um padrão estético baseado na valorização

18 gls significa Gays, Lésbicas e Simpatizantes. Essa é a primeira sigla que buscava abordar a diversidade sexual. Ela tinha um caráter mercadológico, estando ligada a bares, boates e outros estabelecimentos voltados para esse público. No entanto, como é possível perceber pela fala de Ângelo (ManoTauros, 2018), as siglas antigas ainda convivem com as mais recentes, inclusive nos discursos de pessoas LGBTQIAPN+.

da hipermasculinidade. Reforçando esse entendimento, Mozer Ramos, Damião Almeida-Segundo, Wagner Machado e Elder Cerqueira-Santos (2021) desenvolveram uma pesquisa, realizada por meio de formulários *online*, com gays, bissexuais e HSH¹⁹. No formulário, avaliou-se o grau de antiafeminação dos respondentes, perguntando, por exemplo, se gays afeminados prejudicam a imagem dos demais gays, e se o respondente perde o interesse sexual por outro homem se ele se mostrar afeminado. Também foi avaliada a homofobia internalizada, perguntando, por exemplo, se o respondente preferiria ser heterossexual e se ele prefere que suas relações não se tornem públicas.

Os resultados foram os seguintes: 93% dos entrevistados concordaram que há preconceito e discriminação contra afeminados dentro da comunidade LGBTQIAPN+, e 95% concordaram que os gays afeminados sofrem mais preconceito e discriminação fora da comunidade LGBTQIAPN+. Um em cada 4 entrevistados se identificava como afeminado, mas 45% dos entrevistados disseram que gostariam de ser menos afeminados. Isso significa que, mesmo parte dos que não se viam como afeminados gostaria de ser mais amasculada. 76% disseram que já sofreram preconceito, discriminação ou violência devido à sua sexualidade. Entre os que se consideram afemina-

19 A sigla HSH significa “homens que fazem sexo com outros homens”. Trata-se de homens que não se reconhecem como LGBTQIAPN+, mas, por algum motivo, fazem sexo com pessoas do mesmo gênero. É o caso de garotos de programa e atores pornô, por exemplo.

dos, esse índice foi de 89%. A maioria dos entrevistados apresentou algum grau de rejeição a parceiros afeminados (29% apresentaram alto grau de rejeição). 90% demonstraram algum grau de antiafeminação (30% apresentaram um grau alto). O estudo apontou, ainda, que mais atitudes negativas sobre afeminação estão relacionadas a um maior grau de homofobia internalizada, e que os sujeitos que se consideram “masculinizados” têm maior grau de atitudes negativas sobre afeminação. Os autores também identificaram uma relação entre a antiafeminação e a predileção por escolha de parceiros considerados “masculinizados”, o que refuta a ideia de que não se interessar por afeminados seria apenas uma questão de “gosto pessoal”. Ramos *et al.* também afirmam que a publicização da própria sexualidade não tem necessariamente relação com atitudes positivas em relação à afeminação.

Renan Moura e Rejane Nascimento (2020) entrevistaram nove homens gays, abordando o tema da afeminação. Foi recorrente que, num primeiro momento, o entrevistado negasse ter traços femininos, mas dissesse o contrário no decorrer da entrevista. Para o autor e a autora, isso demonstra uma tentativa de proteção inicial a julgamentos: “em alguns casos, essa afirmação de possuir feminilidade era acompanhada do choro, o que revela que tais sujeitos experimentam um grande sofrimento associado à sua condição de homens afeminados” (*ibidem*, p. 248). A pressão sofrida por meninos afeminados na infância pode levar a traumas que marcam fortemente o sujeito mesmo depois de adulto. Esse sofrimento faz com que esses sujeitos vejam a feminilidade como algo a ser evitado ou escondido.

A partir das entrevistas, Moura e Nascimento buscam compreender como a afeminação é simbolicamente representada. Um entrevistado disse acreditar que a identificação com o universo feminino retroalimenta essa manifestação de gênero. Ele citou cantoras e grupos musicais como Kelly Key e Rouge, que ele imitava quando era criança. Outro entrevistado relacionava a sua identificação com o feminino na infância com o fato de que não gostava de jogar futebol. Os entrevistados variaram entre os que achavam que a afeminação tinha alguma influência da educação ou do afeto (ou falta de afeto) dos pais (ou de um deles) e os que achavam que ela era algo inato, intrínseco ao indivíduo. O autor e a autora nos lembram de que é recorrente a culpabilização da mãe pela afeminação do filho.

TENSIONAMENTOS NA DISCUSSÃO SOBRE AFEMINOFOBIA

Nas discussões em torno do desejo ou não por afeminados, a afeminação costuma ser vista como uma *característica unidimensional*, ou seja, como se só houvesse um jeito de ser afeminado, e não vários. No entanto, se considerarmos que pode haver *diferentes experiências de afeminação*, e não apenas uma, seria possível se sentir atraído por homens com determinadas características consideradas afeminadas e com outras não? Se um sujeito só se sente atraído por pessoas com aparência masculina, há *contradição* em não se sentir atraído por alguém que se identifica como homem, mas tem uma aparência que ele considera feminina? Se um homem homo-orientado se sente atraído por uma pessoa com uma aparência próxima do

que ele considera feminino, ele não estaria, de certo modo, afastando-se de uma homossexualidade “estrita” e caminhando no sentido da vivência de um *desejo pan-orientado* (orientado para pessoas independentemente de suas características de gênero)?

Acredito que seja importante que esses questionamentos sejam realizados para que essa discussão não se estabeleça de forma *rasa*, *moralista* ou *binária*. Com toda certeza, se a criança afeminada sofre *bullying* na escola, há um grande problema público nisso. Do mesmo modo, mensagens contra a afeminação em aplicativos e sites de relacionamento são afeminofóbicas. As pessoas não costumam colocar, com a mesma naturalidade, nesse tipo de perfil, mensagens de ódio contra outros grupos, como os ligados a perfis raciais ou geográficos, por exemplo. Se existe uma licença e uma aceitação para que o discurso contra afeminados possa ser construído nesses ambientes é porque, de fato, a antiafeminação é naturalizada neles. Se, ainda, um homem homo-orientado sente aversão, repulsa ou raiva por outros homens afeminados, há, sem dúvida, um perigoso sentimento de ódio afeminofóbico. Nesses casos, concluir que há uma questão social se sobrepondo a um suposto “gosto pessoal” parece ser muito coerente. Mas se um homem não heterossexual apenas não sente atração por outros que têm certos *tipos de aparência ou comportamento* que ele considera femininos, isso não me parece algo que possamos automaticamente relacionar com as manifestações anteriores.

Certamente o nosso “gosto” é social. Por isso, mesmo dentro do gênero pelo qual nos atraímos, interessamo-nos por pessoas com determinadas características e outras não – como as que têm corpos

ligados a padrões hegemônicos. Entretanto, tratando-se de orientação sexual, há *limites* para o *balizamento* dos nossos “gostos”, e – com exceção de pessoas pansexuais – esses limites se dão pela *manifestação de gênero* da outra pessoa, que a liga à masculinidade ou à feminilidade. Esses são, enfim, os alvos dos nossos desejos sexuais. Afinal, a identidade de gênero da pessoa é algo que ela determina internamente. Mas a nossa atração sexual é, ao menos para as pessoas alossexuais, *definida no corpo* (ver Apêndice B).

Por outro lado, há homens cujo desejo é direcionado particularmente para afeminados, inclusive, para os que têm determinadas vivências específicas de afeminação. É o caso de gays jovens usualmente afeminados chamados de *twinks*, por exemplo. No mercado sexual e amoroso de homens não heterossexuais, esse subgrupo conta com um número muito significativo de perfis que buscam por ele. No entanto, podem surgir, em alguns casos, outros problemas, como o caráter clandestino que essas relações podem vir a ter (veremos uma discussão mais adiante sobre isso). No sentido contrário, se algumas vivências de afeminação podem ser mais desejadas, outras também podem ser mais estigmatizadas, como no caso de gays idosos afeminados, chamados pejorativamente de “mariconas” no Brasil. Assim, o corte etário, por exemplo, é uma interseccionalidade importante com a manifestação de gênero no que tange à afeminofobia.

De todo modo, acima de tudo, é preciso ressaltar que, apesar de toda a afeminofobia, pessoas afeminadas também *fazem sexo, têm relacionamentos e são amadas*. É preciso que não continuemos essa discussão mantendo o afeminado no lugar de uma infelicidade fatal.

Afeminados têm, sim, que enfrentar muitos problemas, mas eles os enfrentam e, como todas, todos e todes nós, às vezes os vencem e às vezes, não. De qualquer forma, se há muitas pessoas que não se sentem atraídas por afinados, elas não são todas. Há também *muitas, muitos e muitas* de nós que *desejam e amam* pessoas afinadas.

ORGULHO DE SER AFEMINADO

Na contramão da antiafeminação apontada anteriormente, o orgulho de ser afinado tem sido cada vez mais apresentado dentro da comunidade gay. Esse sentimento está ligado a uma posição crítica frente ao conservadorismo e é, até mesmo, uma resposta ao movimento LGBTQIAPN+ tradicional, que acaba se adequando aos modelos estéticos e morais impostos socialmente. O Bhargh, que é um time de futebol que se autoafirmava afinado, venceu a 1ª edição do Champions LiGay, o campeonato nacional de times LGBTQIAPN+, o que foi um motivo de forte orgulho. Porém, Pedro (Bhargh, 2018) me contou que o objetivo do Bhargh ao participar da competição não era a vitória.

A nossa expectativa com a LiGay não era muito de ir pra ganhar o campeonato, sabe? A gente queria ir pra mostrar pros outros times que a gente também sabia jogar. Porque do Bhargh pros outros times de futebol do Brasil existe uma certa discrepância no padrão das pessoas que jogam, sabe? Os outros times são muito... não sei se eu posso dizer “heteronormativo”, mas... sim. Eu posso dizer sim. São bem heteronor-

mativos, sabe? É mais homem padrãozinho mesmo, aquele porte físico atleta, o pessoal mais forte. As fotos que eles tiravam pras redes sociais era sempre naquela pose do futebol dos homenzinhos atrás assim, do pessoal agachado na frente. Uma coisa bem machinho. E o Bharbixas, desde o primeiro fim de semana, era aquela coisa afeminadíssima. E dentre os outros times, nós éramos conhecidos por sermos afeminados e por darmos muito *close*, e é o lacre, e coisa e tal. Inclusive, nas publicações que faziam nas redes sociais da LiGay, era sempre assim, tipo: “ah, cês querem *close*? O Bharbixas...” Nessa *vibe*. Então, assim, a nossa missão, a gente foi pra lá com a missão de mostrar: “olha, a gente é muito afeminado mesmo, mas a gente joga bola”. (Pedro, Bharbixas, 2018)

A fala de Pedro (Bharbixas, 2018) aponta para diversas questões. A primeira é a caracterização dos times de futebol LGBTQIAPN+ brasileiros. Segundo ele, o Bharbixas fugia do padrão dos outros times por ter jogadores afeminados. Não apenas isso, além de afeminados, esses jogadores tinham orgulho da sua afeminação e sentiam o desejo de lutar contra os preconceitos que existem em torno dessa manifestação de gênero. Pedro (Bharbixas, 2018) caracterizava os jogadores dos outros times como heteronormativos, padrãozinhos, homenzinhos e machinhos, mas não falava dessas características num tom positivo ou mesmo neutro. O tom adotado era o de crítica ou, pelo menos, de ceticismo. Vê-se que o orgulho da afeminação pode vir ligado a uma deslegitimação do outro não afeminado. De todo modo, a missão de provar que afeminados podem fazer bem algo tradicionalmente rela-

cionado à masculinidade, no caso, o futebol, foi tão bem realizada pelo BhARBixas que o time ganhou o campeonato. Esse desfecho funcionou como uma prova para o argumento dos seus membros.

Foi muito incrível pra gente ter ganhado aquele campeonato porque, assim, a matéria do *Globo*, a manchete era: “Primeiro campeonato de futebol gay acontece e equipe afeminada é campeã”. O fato disso ter vindo no título já marcou uma diferença muito grande pra gente. A gente não queria passar aquela imagem dos homenzinhos machos que jogam futebol, sabe? Tipo: [fazendo voz grave] “ai, gay também joga futebol”, no sentido de: “ah, o gay também é masculino”. Não era isso que a gente queria passar, e era uma preocupação constante nossa. (Pedro, BhARBixas, 2018)

Mais uma vez, Pedro (BhARBixas, 2018) abordou a relação entre gays e masculinidade tradicional de forma crítica. O tom de voz grave adotado por ele na hora de simular esse discurso aponta para o lugar de um outro do qual ele próprio se distanciava. Pedro (BhARBixas, 2018) também me falou da euforia da comemoração e de como esse foi um ato político: “quando a gente ganhou o campeonato, lá no Rio de Janeiro, a gente levantou a taça aos gritos de ‘afeminada, afeminada’, e, depois, o pessoal ficou gritando aquele: ‘as gay, as bi, as trans, as sapatão, tá tudo organizada pra fazer revolução’”. Em um treino do time masculino do BhARBixas que eu assisti, identifiquei que um dos membros do time usava maquiagem. Os jogadores, de modo geral, dançavam e “davam

close”, numa manifestação de gênero bastante afeminada. A drag queen que acompanhava o Bharbixas foi a apresentadora da 5ª edição do Champions LiGay, que ocorreu em Belo Horizonte.

Roberto (Bharbixas, 2018) explicou que o título de afeminado não se devia ao fato de todos ou a maioria dos jogadores terem, de fato, essa manifestação de gênero. Mas sim à abertura para que os que tinham fossem livres para expressar isso, e para que todos pudessem “se soltar” e “brincar” uns com os outros. Dessa forma, ele relacionava essa manifestação de gênero à alegria e à descontração.

É um time muito diversificado. Mas é óbvio que o time acabou cultivando, como maioria... na maioria eu diria que não, porque não é a maioria que é afeminado. Mas é um time que aceita muito, então, eles tão ali, e acaba que as pessoas se soltam, brincam, se divertem. Então, é um perfil de pessoas mais divertidas, é todo mundo muito solto, é todo mundo muito alegre e muito acolhedor, muito amigável. É intolerável [ênfase em “intolerável”] a intolerância. Esse é um ponto principal. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Já Daniel (ex-Bharbixas, 2023) afirmou que o título de afeminado não surgiu do próprio Bharbixas, mas sim dos demais times que participaram da 1ª edição do Champions LiGay.

Essa alcunha de time afeminado surgiu no Rio de Janeiro, na competição, na 1ª Champions LiGay, porque as outras equipes tinham um padrão mais normativo. E ninguém acreditava, por exemplo, que o Bharbixas pudesse ser campeão da 1ª

Champions LiGay. Porque, realmente, o BhARBixas era um clube onde as pessoas eram muito livres, muito abertas, muito diversas... elas não se importavam de se vestir como queriam, de andar como queriam, de se expressar da forma que elas pudessem. Enquanto você via um padrão mais normativo nos outros clubes. E, aí, aquela questão de você ressignificar algumas palavras. Por exemplo, se um time achava que o BhARBixas era um time afeminado, a gente usava a alcunha de afeminado pra mostrar que a gente tinha capacidade da mesma forma. Então foi isso. Essa autointitulação não partiu do BhARBixas, partiu [voz de riso] de outras equipes, que a gente ressignificou e aderiu a alcunha de time afeminado. (Daniel, ex-BhARBixas, 2023)

Lúcio (BhARBixas, 2023) afirmou que a fama de afeminado do time surgiu antes mesmo do campeonato, devido às poses que seus integrantes faziam nas fotos para as redes sociais. Ele falou sobre o menosprezo dos outros times e de como eles receberam esse rótulo com orgulho.

A gente meio que foi denominado... não vou dizer taxado, que taxado foi um tom pesado... a gente foi denominado como o time afeminado que ia *participar*. A gente tava indo só participar. Então, daí, já começou um certo preconceito também, infelizmente do: “ah... o time afeminado tá vindo jogar, então eles tão vindo participar [ênfase em “participar”], eles não tão vindo pra competir”, quando, na verdade, [voz de riso]

o time afeminado foi o que ganhou. Então, a gente meio que abraçou essa denominação que a gente recebeu. E a gente falou assim: “com muito orgulho, com muito orgulho sim”. Então, a gente levantou essa bandeira e a gente ainda levanta, com certeza. De forma alguma, a gente recebeu isso como uma forma de demérito ou diminuir a gente. A gente abraçou e mostramos dentro e fora de quadra que a gente não é menos que ninguém. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Alguns jogadores dos diversos times brasileiros com quem conversei na 5ª edição do Champions LiGay disseram que, para eles, não existiam times exclusivamente afeminados, mas que existiam times exclusivamente amasculados. Eles entendiam que alguns times abrem espaço para os afeminados e outros não. No entanto, apesar do preconceito inicial, Roberto (Bharbixas, 2018) acreditava que a alegria e a descontração do time faziam com que o Bharbixas fosse visto como um time simpático e até admirável.

O Bharbixas é um time muito bem aceito pelo que eu percebo, por, talvez, alguns motivos. O principal por ser o time mais alegre de todos. E eu acho que muitas pessoas querem ser livres e brincar como brincam os Bharbixas, mas se reprimem e não têm coragem. Bharbixas não, eles chegam e animam o ambiente, então eu acho que todo mundo gosta. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Um membro do Bárbaros (SP) entrevistado durante a 5ª edição do Champions LiGay (2019) acredita que a afeminação surge com mais naturalidade quando se está entre amigos.

No nosso time, a gente é muito amigo, a gente é muito junto. Então, naturalmente, quando a gente tá entre amigos, a gente tem um comportamento mais espalhafatoso, a gente tem um comportamento um pouquinho mais, como fala? Mais eufórico. E, aí, a gente até faz aqueles gritos, né? “Ai, sua louca!” E se trata até no feminino... O que é natural, a gente tá entre amigos. (Membro do Bárbaros, 2019)

Contudo, na contramão dessas caracterizações positivas da afeminação, é preciso lembrar que homens afeminados também podem ser misóginos. Segundo Pedro (Bharbixas, 2018), não era incomum encontrar discursos com esse perfil no Bharbixas, apesar de o time levantar a bandeira pelo orgulho da afeminação.

E a gente tem debates muito produtivos dentro do time, principalmente sobre questões de misoginia, por exemplo. Sempre que vem um viado fazer piada misógina, falando que tem nojo de buceta, por exemplo, que acontece o tempo inteiro, e tem alguém perto pra falar, levanta o dedinho e fala: “opa! Não fala isso, bicha, sabe... suas amigas mulheres... e buceta é uma coisa tão linda, por que cê vai ficar falando mal dela assim, sabe?” Rola um aprendizado coletivo de todo mundo. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Como evidenciado por Pedro (Bharbixas, 2018), essa misoginia pode ser manifestada, por exemplo, pela aversão ao órgão sexual associado ao feminino ou pela ideia de ter um contato íntimo com mulheres. Bernardo Gonzales (2022) também revela uma dupla

relação dos jogadores de times transmasculinos com a misoginia: ao mesmo tempo em que eles são vítimas dela por parte de jogadores cis de times LGBTQIAPN+, eventualmente, eles próprios também reproduzem comentários misóginos entre si.